

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de frente a frente, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas á menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apreçada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos loitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, com tanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja sorvir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

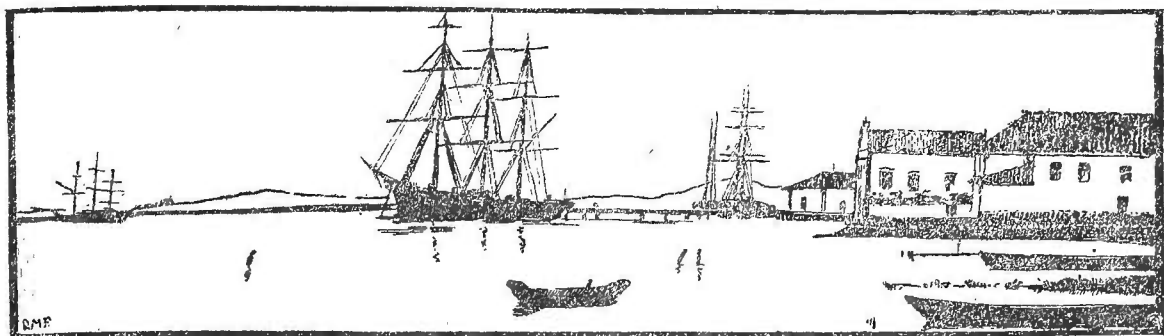
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL São Paulo, 25 de Junho de 1921

NUMERO 9

SUMMARIO

ANECDOTA PECUNIARIA — Machado de Assis.
A LAVADEIRA — José Verissimo.
NATAL NO LOURENÇAO — Waldomiro Silveira.
A VENDA SECCA — Oliveira e Souza.

O VELHO ESCRINIO — F. Silveira.
O TONICO — João do Norte.
SUPPLEMENTO — A vida

anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores Coelho Netto.

Os nossos poetas — Inania

verba, de Bilac — B. F.
Curiosidades literarias — A «Atlantida» de Platão — H. DE RAUVILLE.
Leituras — Vultos e Livros — Figurões vistos por dentro — Piraquaras.

ANECDOTA PECUNIARIA

Chama-se Falcão o meu homem. N'aquelle dia — quatorze de Abril de 1870 — quem lhe entrasse em casa, ás dez horas da noite, vel-o-hia passear na sala, em mangas de camisa, calça preta e gravata branca, resmungando, gesticulando, suspirando evidentemente afflicto. Ás vezes sentava-se; outras, encostava-se á janella, olhando para a praia, que era a da Gambôa. Mas, em qualquer logar ou attitude, demorava-se pouco tempo.

— Fiz mal, dizia elle, muito mal. Tão minha amiga que ella era! tão amorosa! Ia chorando, coitadinha! Fiz mal, muito mal... Ao menos que seja feliz!

Se eu disser que este homem vendeu uma sobrinha, não me hão de creer; se descer a definir o preço, dez contos de réis, voltar-me-hão as costas com desprezo e indignação. Entretanto, basta ver este olhar felino, estes dois beiços, mestres de calculo, que ainda fechados, parecem estar contando alguma cousa, para advinhar logo que a feição capital do nosso homem é a voracidade do lucro. Entendamo-nos: elle faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que elle pode dar, mas pelo que é em si mesmo! Ninguem lhe vá fallar dos regalos da vida. Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem commenda. Não se ganha dinheiro para esbanjal-o, dizia elle. Vive de migallias; tudo o que amontoa é para a

contemplação. Vai muitas vezes á burra, que está na alcova de dormir, com o unico fim de fartar os olhos nos rolos de ouro e maços de titulos. Outras vezes, por um requinte de erotismo pecuniario, contempla-os só de memoria. N'este particular, tudo o que eu pudesse dizer, ficaria abaixo de uma palavra d'elle mesmo, em 1.857.

Já então millionario, ou quasi, encontrou na rua dois meninos, seus conhecidos, que lhe perguntaram se uma nota de cinco mil réis, que lhes dera o tio, era verdadeira. Corriam algumas notas falsas, e os pequenos lembraram-se disso em caminho. Falcão ia com um amigo. Pegou tremulo na nota, examinou-a bem, virou-a, revirou-a...

— E' falsa? perguntou com impaciencia um dos meninos.

— Não; é verdadeira.

— Dê cá, disseram ambos.

Falcão dobrou a nota vagarosamente, sem tirar-lhe os olhos de cima; depois, restituiu-a aos pequenos, e, voltando-se para o amigo, que esperava por elle, disse-lhe com a maior candura do mundo:

— Dinheiro, mesmo quando não é da gente, faz gosto vêr.

Era assim que elle amava o dinheiro, até á contemplação desinteressada. Que outro motivo podia levar-o a parar, diante das vitrinas dos cambistas, cinco, dez, quinze minutos, lambendo com

os olhos os montes de libras e francos, tão arrumadinhos e amarellos? O mesmo sobresalto com que pegou na nota de cinco mil réis, era um rasgo subtil, era o terror da nota falsa. Nada aborrecia tanto, como os moedeiros falsos, não por serem criminosos, mas prejudiciaes, por demoralisarem o dinheiro bom.

A linguagem do Falcão valia um estudo. Assim é que um dia, em 1.864, voltando do enterro de um amigo, referiu o esplendor do prestito, exclamando com enthusiasmo: — « Pegavam no caixão tres mil contos! » E, como um dos ouvintes não o entendesse logo, concluiu do espanto, que duvidava d'elle, e discriminou a affirmação: — « Fulano quatrocentos, Sicrano seiscentos... Sim, senhor, seiscentos; ha dois annos, quando desfez a sociedade com o sogro, ia em mais de quinhentos; mas supponhamos quinhentos... » E foi por diante, demonstrando, sommando e concluindo: — « Justamente, tres mil contos! »

Não era casado. Casar era botar dinheiro fóra. Mas os annos passaram, e aos quarenta e cinco entrou a sentir uma certa necessidade moral, que não comprehendeu logo, e era a saudade paterna. Não mulher, não parentes, mas um filho ou uma filha, se elle o tivesse, era como receber um patacão de ouro. Infelizmente, esse outro capital devia ter sido accumulado em tempo; não podia começal-o a ganhar tão tarde. Restava a loteria; a loteria deu-lhe o premio grande.

Morreu-lhe o irmão e tres mezes depois a cunhada, deixando uma filha de onze annos. Elle gostava muito desta e de outra sobrinha, filha de uma irmã viúva; dava-lhes beijos, quando as visitava; chegava mesmo ao delirio de levar-lhes, uma ou outra vez, biscoitos. Hesitou um pouco, mas, enfim, recolheu a orphã; era a filha cobiçada. Não cabia em si de contente; durante as primeiras semanas, quasi não sahia de casa, ao pé d'ella, ouvindo-lhe historias e tolices.

Chamava-se Jacintha, e não era bonita; mas tinha a voz melodiosa e os modos fagueiros. Sabia ler e escrever; começava a aprender musica. Trouxe o piano comsigo, o methodo e alguns exercicios; não pôde trazer o professor, porque o tio entendeu que era melhor ir praticando o que aprendera, e um dia... mais tarde... Onze annos, doze annos, treze annos, cada anno que passava era mais um vinculo que atava o velho solteirão á filha adoptiva, e vice-versa. Aos treze Jacintha mandava na casa; aos dezeseite era verdadeira dona. Não abusou do dominio; era naturalmente modesta, frugal, poupada.

— Um anjo! dizia o Falcão ao Chico Borges.

Este Chico Borges tinha quarenta annos, e era dono de um trapiche. Ia jogar com o Falcão á noite. Jacintha assistia ás partidas. Tinha então dezoito annos; não era mais bonita, mas diziam todos « que estava enfeitando muito. » Era pequenina, e o trapicheiro adorava as mulheres pequeninas. Corresponderam-se, o namoro fez-se paixão.

— Vamos a ellas, dizia o Chico Borges ao entrar, pouco depois de ave-maria.

As cartas eram o chapéu de sol dos dous namorados. Não jogavam a dinheiro; mas o Falcão tinha tal sêde ao lucro, que contemplava os proprios tentos, sem valor, e contava-os de dez em dez minutos, para ver si ganhava ou perdia. Quando perdia, cahia-lhe o rosto n'um desalento incuravel, e elle recolhia-se pouco a pouco ao silencio: Se a sorte teimava em perseguil-o, acabava o jogo, e levantava-se tão melancolico e cego, que a sobrinha e o parceiro podiam apertar a mão, uma, duas, tres vezes, sem que elle visse cousa nenhuma.

Era isto em 1869. No principio de 1.870 Falcão propoz ao outro uma venda de açções. Não as tinha; mas farejou uma grande baixa; e contava ganhar de um só lance trinta a quarenta contos ao Chico Borges. Este respondeu-lhe finamente que andava pensando em offerecer-lhe a mesma cousa. Uma vez que ambos queriam vender e nenhum comiprar, podiam juntar-se e propor a venda a um terceiro. Acharam o terceiro, e fecharam o contracto a sessenta dias. Falcão estava tão contente, ao voltar do negocio, que o socio abriu-lhe o coração e pediu-lhe a mão da Jacintha. Foi o mesmo que, se de repente, começasse a fallar turco. Falcão parou, embasbacado, sem entender. Que lhe desse a sobrinha? Mas então...

— Sim; confesso a vossê que estimaria muito casar com ella, e ella... penso que tambem estimaria casar commigo.

— Qual nada! interrompeu o Falcão. Não senhor; está muito criança, não consinto.

— Mas reflecta...

— Não reflecto, não quero.

Chegou á casa irritado e aterrado. A sobrinha afagou-o tanto para saber o que era, que elle acabou contando tudo, e chamando-lhe esquecida e ingrata. Jacintha empallideceu; amava os dous e via-os tão dados, que não imaginou nunca esse contraste de affeições. No quarto chorou á larga, depois escreveu uma carta ao Chico Borges pe-

dindo-lhe pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo que não fizesse barulho nem brigasse com o tio; dizia-lhe que esperasse e jurava-lhe um amor eterno.

Não brigaram os dois parceiros; mas as visitas foram naturalmente mais escassas e frias. Jacintha não vinha á sala ou retirava-se logo. O terror do Falcão era enorme. Elle amava a sobrinha com um amor de cão, que persegue e morde aos extranhos. Queria-a para si, não como homem, mas como pai. A paternidade natural dá forças para o sacrificio da separação; a paternidade d'elle era de emprestimo, e, talvez, por isso mesmo, mais egoista. Nunca pensara em perdê-la; agora, porém, eram trinta mil cuidados, janellas fechadas, advertencias á preta, uma vigilancia perpetua, um espiar os gestos e os ditos, uma campanha de D. Bartholo.

Entretanto, o sol, modelo de funcionarios, continuou a servir pontualmente os dias, um a um, até chegar aos dois mezes do prazo marcado para a entrega das acções. Estas deviam baixar segundo a previsão dos dois; mas as acções como as loterias e as batalhas, zombam dos calculos humanos. N'aquelle caso, além de zombaria, houve crueldade, porque nem baixaram, nem ficaram ao par; subiram até converter o esperado lucro de quarenta contos n'uma perda de vinte.

Foi aqui que o Chico Borges teve uma inspiração de genio. Na vespera, quando o Falcão, abatido e mudo, passeava na sala o seu desapontamento, propoz elle custear todo o *deficit*, se lhe desse a sobrinha. Falcão teve um deslumbramento.

— Que eu...

— Isso mesmo, interrompeu o outro, rindo.

— Não, não...

Não quiz; recusou tres e quatro vezes. A primeira impressão fôra de alegria, eiam os dez contos na algibeira. Mas a idéa de separar-se de Jacintha era insupportavel, e recusou. Dormiu mal. De manhã, encarou a situação, pesou as cousas, considerou que, entregando Jacintha ao outro, não a perdia inteiramente, ao passo que os dez contos iam-se embora. E depois, se ella gostava d'elle e elle d'ella, porque razão separalos? Todas as filhas casam-se, e os pais contentam-se de as vêr felizes. Correu á casa do Chico Borges, e chegaram a accordo.

— Fiz mal, muito mal, bradara elle na noite do casamento. Tão minha amiga que ella era! Tão amorosa! Ia chorando, coitadinha... Fiz mal muito mal.

Cessára o terror dos dez contos; começara o fastio da solidão. Na manhã seguinte, foi visitar os noivos. Jacintha não se limitou a regalal-o com um bom almoço, encheu-o de mimos e affagos; mas nem estes, nem o almoço lhe restituiram a alegria. Ao contrario, a felicidade dos noivos entristeceu-o mais. Ao voltar para casa não achou a carinha meiga de Jacintha. Nunca mais lhe ouviria as cantigas de menina e moça; não seria ella quem lhe faria o chá, quem lhe traria, á noite, quando elle quizesse ler, o velho tomo ensebado da *Saint-Clair das Ilhas*, dadiwa de 1.850.

— Fiz mal, muito mal...

Para remediar o mal feito, transferiu as cartas para a casa da sobrinha, e ia lá jogar, á noute, com o Chico Borges. Mas a fortuna, quando flagella um homem, corta-lhe todas as vazas. Quatro mezes depois, os recém-casados foram para a Europa; a solidão alargou-se de toda a extensão do mar. Falcão contava então cincoenta e quatro annos. Já estava mais consolado do casamento de Jacintha; tinha mesmo o plano de ir morar com elles, ou de graça, ou mediante uma pequena retribuição que calculou ser muito mais economico do que a despeza de viver só. Tudo se esboroou; eil-o outra vez na situação de oito annos antes, com a differença que a sorte arrancára-lhe a taça entre dous goles.

Vai senão quando cai-lhe outra sobrinha em casa. Era a filha da irmã viuva, que morreu e lhe pediu a esmola de tomar conta d'ella. Falcão não prometteu nada, por que um certo instincto o levava a não prometter cousa nenhuma a ninguém, mas a verdade é que recolheu a sobrinha, tão depressa a irmã fechou os olhos. Não teve constrangimento; ao contrario, abriu-lhe as portas de casa, com um alvoroço de namorado, e quasi abençoou a morte da irmã. Era outra vez a filha perdida.

— Esta ha de fechar-me os olhos, dizia elle comsigo.

Não era facil. Virginia tinha dezoito annos, feições lindas e originaes; era grande e vistosa. Para evitar que lh'a levassem, Falcão começou por onde acabara da primeira vez: — janellas cerradas, advertencias á preta, raros passeios, só com elle e de olhos baixos. Virginia não se mostrou enfadada. — Nunca fui janelleira, dizia ella, e acho muito feio que uma moça viva com o sentido na rua. Outra cautella do Falcão foi não trazer para casa senão parceiros de cincoenta annos para cima ou casados. Emfim, não cuidou mais da baixa das acções. E tudo soe ra isdesne-

cessario, porque a sobrinha não cuidava realmente senão d'elle e da casa. A's vezes, como a vista do tio começava a diminuir muito, lia-lhe ella mesma alguma pagina do *Saint-Clair das Ilhas*. Para supprir os parceiros, quando elles faltavam, aprendeu a jogar cartas, e, entendendo que o tio gostava de ganhar, deixava-se sempre perder. Ia mais longe: quando perdia muito, fingia-se zangada ou triste, com o unico fim de dar ao tio um accrescimento de prazer. Elle ria então á larga, mo-fava d'ella, achava-lhe o nariz comprido, pedia um lenço para enxugar-lhe as lagrimas; mas não deixava de contar os seus tentos de dez em dez minutos, e se algum cahia no chão (eram grãos de milho) descia a vela para apanhal-o.

No fim de tres mezes, Falcão adoeceu. A molestia não foi grave nem longa; mas o terror da morte apoderou-se-lhe do espirito, e foi então que se pôde vêr toda a affeição que elle tinha á moça. Cada visita que se lhe chegava, era recebida com rispidez, ou pelo menos com sequidão. Os maís intimos padeciam maís, porque elle dizia-lhes brutalmente que ainda não era cadaver, que a carniça ainda estava viva, que os urubús enganavam-se de cheiro, etc. Mas nunca Virginia achou n'elle um só instante de máu humor. Falcão obedecia-lhe em tudo, com uma passividade de creança, e quando ria, é porque ella o fazia rir.

— Vamos, tome o remedio, deixe-se disso, vosmecê agora é meu filho...

Falcão sorria e bebia a droga. Ella sentava-se ao pé da cama, contando-lhe historias, espiava o relógio para dar-lhe o caldo ou a gallinha, lia-lhe o sempiterno *Saint-Clair*. Veiu a convalescência. Falcão sahiu a alguns passeios, acompanhado de Virginia. A prudencia com que estava, dando-lhe o braço, ia mirando as pedras da rua, com medo de encarar os olhos de algum homem, encantavam o Falcão.

— Esta ha de fechar-me os olhos, repetia elle comsigo mesmo. Um dia, chegou a pensal-o em voz alta: — Não é verdade que você me ha de fechar os olhos?

— Não diga tolices!

Comquanto estivesse na rua, elle parou, apertou-lhe muito as mãos, agradecido, não achando que dizer. Se tivesse a faculdade de chorar, ficaria provavelmente com os olhos humidos. Chegando á casa, Virginia correu ao quarto para reler uma carta que lhe entregára na vespera uma D. Bernarda, amiga de sua mãe. Era datada de

New-York, e trazia por unica assignatura este nome: Reginaldo. Um dos trechos dizia assim: «Vou d'aquí no paquete de 25. Espera-me sem falta. Não sei ainda se irei ver-te logo ou não. Teu tio deve lembrar-se de mim; viu-me em casa de meu tio Chico Borges, no dia do casamento de tua prima...»

Quarenta dias depois, desembarcava este Reginaldo, vindo de New-York, com trinta annos feitos e trezentos mil dollars ganhos. Vinte e quatro horas depois visitou o Falcão, que o recebeu apenas com polidez. Mas o Reginaldo era fino e pratico; atinou com a principal corda de homem e vibrou-a. Contou-lhe prodigios de negocio nos Estados-Unidos, as hordas de moedas que corriam de um a outro dos oceanos. Falcão ouvia deslumbrado, e pedia mais. Então o outro fez-lhe uma extensa computação das companhias, e bancos, acções, saldos de orçamento publico, riquezas particulares, receita municipal de New-York; descreveu-lhe os grandes palacios do commercio...

— Realmente, é um grande paiz, dizia o Falcão, de quando em quando. E depois de tres minutos de reflexão: — Mas pelo que o senhor conta, só ha ouro?

— Ouro só, mão; ha muita prata e papel; mas alli papel e ouro é a mesma cousa. E moedas de outras nações? Hei de mostrar-lhe uma colleção que trago. Olhe; para vêr o que é aquillo basta por os olhos em mim. Fui lá pobre, com vinte e tres annos; no fim de sete annos, trago seiscentos contos.

Falcão estremeceu: — Eu, com a sua idade, confessou elle, mal chegaria a cem.

Estava encantado. Reginaldo disse-lhe que precisava de duas ou tres semanas, para lhe contar os milagres do dollar.

— Como é que o senhor lhe chama?

— Dollar.

— Talvez não acredite que nunca vi essa moeda.

Reginaldo tirou do bolso de collete um dollar e mostrou-lh'o. Falcão, antes de lhe pôr a mão, agarrou-o com os olhos. Como estava um pouco escuro, levantou-se e foi até á janella, para examinal-o bem — de ambos os lados; depois restituiu-o, gabando muito o desenho e a cunhagem e accrescentando que os nossos antigos patações eram bem bonitos.

As visitas repetiram-se. Reginaldo assentou de pedir a moça. Esta, porém, disse-lhe que era preciso ganhar primeiro as boas graças do tio; não

casaria contra a vontade d'elle. Reginaldo não desanimou. Tratou de redobrar as finezas; abarrotou o tio de dividendos fabulosos.

— A proposito, o senhor nunca me mostrou a sua collecção de moedas, disse-lhe um dia o Falcão.

— Vá amanhã á minha casa.

Falcão foi. Reginaldo mostrou-lhe a collecção mettida n'um movel envidraçado por todos os lados. A surpresa de Falcão foi extraordinaria; esperava uma caixinha com um exemplar de cada moeda, e achou montes de ouro, de prata, de bronze e de cobre. Falcão mirou-as primeiro de um olhar universal e colectivo; depois, começou a fixal-as especificadamente. Só conheceu as libras, os dollars e os francos, mas o Reginaldo nomeou-as todas: florins, corôas, rublos, drachmas, piastras, pesos, rupias, toda a numismatica do trabalho, concluiu elle poeticamente.

— Mas que paciencia a sua para ajuntar tudo isto! disse elle.

— Não fui eu que ajuntei, replicou o Reginaldo; a collecção pertencia ao espolio de um sujeito de Philadelphia. Custou-me uma bagatella: — cinco mil dollars.

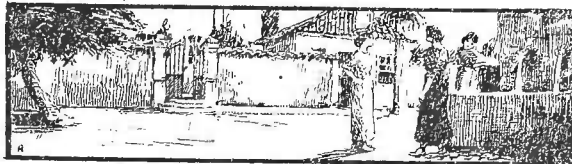
Na verdade, valia mais. Falcão sahio d'alli com a collecção na alma; fallou d'ella á sobrinha, e, imaginariamente, desarrumou e tornou a arrumar as moedas, como um amante desgrenha a amante para toucal-a outra vez. De noite sonhou que era um florim, que um jogador o deitava á mesa do *lansquenét*, e que elle trazia comsigo para a algibeira do jogador mais de duzentos florins. De manhã para consolar-se, foi contemplar as proprias moedas que tinha na burra; mas não se consolou nada. O melhor dos bens é o que se não possue.

D'alli a dias, estando em casa, na sala, pareceu-lhe ver uma moeda no chão. Inclinou-se a apanhal-a; não era moeda, era uma simples carta. Abriu a carta distrahidamente e leu-a espantado: era de Reginaldo a Virginia...

— Basta! interrompe-me o leitor; adivinho o resto. Virginia casou com o Reginaldo, as moedas passaram a mãos do Falcão e eram falsas...

Não, senhor, eram verdadeiras. Era mais moral que, para castigo do nosso homem, fossem falsas, mas, ai de mim! eu não sou Seneca, não passo de um Suetonio que contaria dez vezes a morte de Cezar, se elle resuscitasse dez vezes, pois não tornaria á vida, se não para tornar ao imperio.

MACHADO DE ASSIS



A LAVADEIRA

Era a flor das lavadeiras de ***

Chamava-se Raymunda da Outra-banda.

Outra banda do rio — pois lá nascera.

Conhecia-a assim.

Um dia levantei-me cedo.

Abri a janella do meu quarto e olhei para a terra e para o céu.

O dia estava bellissimo. O céu azul e rosa, a terra alegre. Os passarinhos trinavam nas arvores e o vento agitava de leve as franças das palmeiras.

Respirei ávido os perfumes da floresta que traziam as brisas da manhã.

Por debaixo da minha janella passaram duas mulheres, pareciam mãe e filha.

A mãe não me attraiu a attenção: era uma velha vulgar.

A filha era mais bonita que a manhan.

Era de estatura mean, tinha a fronte breve como a de Venus pagan, cabellos pretos, olhos também negros, gordinha, cara alegre, o nariz pequeno e um tanto achatado na ponta.

Trazia na cabeça um balaio cheio de roupa, o que fazia-a corada.

Tinha atraz da orelha um pequeno ramalhete de jasmíns, isso tornava-a seductora.

Vestia uma saía amarella com floresinhas azues sobre a camisa branca como a penna da garça, debruada por uma renda larga que deixava ver-lhe o soberbo collo.

Tirei os olhos della e olhei para o dia, a manhan era bellissima.

Olhei para a lavadeira, ella era mais bella que a manhan.

Depois ella voltou uma esquina e desapareceu. As auras trouxeram-me ainda em seu regaço um aroma dos jasmíns dos seus cabellos.

Quanto tempo levei a respirar esse aroma, não sei.

Entrando de novo no meu quarto, vi a minha espingarda a um canto.

Machinalmente vesti-me, tomei os preparos de caça, puz a espingarda ao ombro e saí.

Nunca havia acertado um tiro, essa espingarda era um luxo campestre, um pretexto para gosar dos encantos das florestas.

Parti.

Segui o caminho que levava a lavadeira. Havia nella ainda o perfume dos jasmims dos seus cabellos negros.

Segui-o distrahido.

A sussuarana — a rainha da matta virgem — podia atravessar-se-me no caminho, sem que eu me lembrasse que trazia uma espingarda.

* * *

Leitor, si algum dia fores a *** e te disserem que existe ahi um lago, não crê. E' uma mystificação.

Houve, é verdade, em outras eras, um lago aberto, grande, franco e bello, a acariciar com suas pequenas ondas a fina e branca areia das suas margens.

Hoje a aninga, as nymphéas, e outras plantas aquaticas, como o mururé e o capim, cobrem totalmente a sua superficie.

Sómente aqui e ali se forma uma bacia de que se aproveitam os banhistas e lavadeiras... para lavarem a roupa e o corpo.

Mas, apesar disso, convidado-te, leitor, caso fôres a *** não deixes de ir visitar o lago ou antes as diversas bacias que elle forma; ha ahi paizagens de uma perfeição acabada.

Esse caminho levava ao lago.

Segui-o.

Foram primeiro infructiferas as minhas pesquisas.

Com a cabeça pendida, voltava — sonhando mil sonhos da mocidade — quando um delicioso cheiro de jasmim e uma risada argentina me fizeram, como a um cão de caça, levantar a cabeça e dilatar as narinas.

Procurei por todos os lados. Por entre a folhagem vi como um lençol prateado e nelle alguma coisa que se movia.

Approximei-me e olhei.

* * *

Ella estava alli.

As aguas do lago formavam nesse logar uma bacia.

O fundo era de areia alva como a petala do bogarim.

As bordas eram formadas pelas magnificas esmeraldas das folhas do muraré, corada por suas garbosas flores.

Junto á margem, com as aguas a lamber-lhe o tronco, espalhando sua sombra nas aguas de cristal da bacia, elevava-se airosa uma palmeira mirity.

Em uma das palmas do mirity um]caraclué cantava.

Mais longe erguia-se uma grande arvore de cujos ramos pendiam os ninhos aboboriformes dos japiins, que saltavam de galho em galho, soltando aos ares os seus alegres cantares.

O japiin é o garoto dos passaros; o seu canto é ironico, galhofeiro, e, ás vezes, insolente.

O sabiá cantava no mirity e um canto semelhante partia do meio dos japiins.

O sabiá exasperava-se, sacudia frenetico as azas e arrancava da garganta as suas mais bellas notas.

Dir-se-ia que no bando de japiins havia um sabiá, porque um canto identico, de notas tão bellas, respondia ao cantor pousado na rama do mirity.

E assim continuavam esse mimoso duello á face da natureza.

* * *

A roupa havia sido lavada e estendia-se agora sobre a macia relva que bordava a praia.

A lavadeira estava no banho.

Viam-se no chão seus vestidos.

A sáia amarella com raminhos azues devera ter sido solta de uma só vez da cintura e calira, formando um circulo, aos pés de sua dona. Com elle e por baixo della caiu tambem a anagua. A camisa essa estava atirada á beira da praia, bem perto d'agua, onde, com medo de molhar-se — a ingrata — teria abandonado aquella cujo corpo cobria.

Sobre a sáia repousava — e sentia-se que ali fora posto com todo o amor — o ramo de jasmims.

Do regaço liquido das aguas surgiu um corpo trigueiro e esbelto.

O que se via primeiro era uma cabeça emmolurada por uns cabellos negros e lustrosos como as azas da arana, a espelharem-se humidos sobre o collo e hombros.

Em seguida o pescoço roliço e bello como da garça, entroncando-se no collo soberbo, moreno e avelludado.

Depois os seios esphericos, tumidos, de uma admiravel pureza de linhas, terminando em ponta aguda, desafiando desejos e pedindo beijos.

Dois braços torneados e bem feitos, acabando

por umas mãosinhas microscópicas, que cobriam o seio com pudico recato de mulher bonita.

Tudo isto, todas estas bellezas, envoltas no manto liquido formado pelas aguas, cobertas de pingos d'agua onde o sol irradiava fingindo diamantes, fazia-me pensar na *ygara* da lenda indigena e a mim mesmo perguntava si não era eu o mancebo da lenda, a quem a mãe d'agua apparecia com todos os seus encantos para o seduzir.

* * *

«Foi na taba dos Manãos.

Um dia um moço tapuyo, filho do *tuxáua*, seguia em uma *ygara* o igarapé que banha a ponta do Taruman.

Era o mais valente, o mais forte e o mais bello da tribú.

Na ponta de sua flexa pairava certa a morte.

O seu tacape era o terror da onça e do mundurucú.

E um dia, em uma *ygara*, o moço seguia o igarapé que banha a ponta de Taruman.

A tarde ia linda, e o sol, mergulhando por detrás da collina, onde se erguia a floresta, dourava as aguas do rio Negro.

E a *ygara*, impellida pelo braço robusto do moço manãos, cortava ligeira, como a setta do seu arco, as aguas do riacho.

De noite, alta noite, o moço voltou.

Estava triste e não dormiu.

A mãe d'elle chorou por ver a tristeza do filho e quiz conhecer o motivo de suas maguas.

O moço falou assim :

— Ouve, mãe, ouve, porque só a ti posso contar a dôr que me vae n'alma.

Era uma moça linda... como nunca vi nem entre as filhas dos Manãos, nem dos Mundurucús. Quando a *ygara* vogava, ouvi um canto longinquo mais doce do que o do carachué, mais terno que o arrullo da jurity. Era della. Estava sentada á margem do rio. Tinha los cabellos cor de pedra amarella e nelle enlaçadas flores do mururé e cantava como jámais ouvi cantar. Depois seus olhos, verdes como a pedra das *icamiabas*, fitaram-se em mim.

Um momento olhou-me e em seguida estendeu-me os braços, e... o seu corpo esbelto como o assahyseiro, mergulhou nas aguas do igarapé, que resvalaram-lhe pelo dorso branco como as pennas da garça.

E o moço calou-se.

A velha ouviu, chorou e disse :

— Não voltes, filho, não voltes ao igarapé de

Turuman. Essa virgem é a *ygara*, a mãe d'agua. Seu sorriso mata como a flexa do guerreiro e a sua voz é traidora como a pépéua que se occulta nas folhas. Filho, por Tupan, não voltes ao igarapé do Taruman.

A cabeça do moço inclinou-se sobre o peito e elle ficou mudo.

E no dia seguinte, quando o sol se punha, a *ygara* cortava ligeira as aguas do Turuman.

O moço manãos nella ia e não voltou mais á taba de seus paes.

Não souberam mais d'elle.

Ousados pescadores contavam á noite, junto ao fogo da *óca*, que ao passarem de volta de suas pescarias pelo igarapé de Taruman, quando a noite vae alta, viam ao longe o vulto de uma mulher que cantava, e junto della o de um guerreiro moço.

E si alguem mais atrevido se aproximava, as aguas do rio abriam-se e os vultos desappareciam nellas».

* * *

Esta poetica lenda dos filhos dos Manãos estava-me na memoria.

E ao ver banhando-se a linda lavadeira de *** lembrei-me da *ygara*.

* * *

Apezar de sosinha, a gentil lavadeira não estava socegada.

Ora seu corpo cortava airoso como o da irerê as aguas claras da bacia sobre as quaes boiavam seus negros cabellos, quando não repousavam humidos no dorso lustroso. Ora fazia de uma folha, que a sua mãozinha travessa ia buscar aqui ou ali, uma canõinha, que punha-se a impellir como o sopro da sua bocca mimosa até ella ir ao fundo. E quando se dava o naufragio, como si elle a divertisse muito, seus labios arroxados abriam-se em um riso alegre e ruidoso, deixando ver duas ordens de dentes pequenos, apontados e alvos como os jasmims que usava em seus cabellos.

E o brinquedo continuava.

Brincava e ria sosinha como as aves suas companheiras que cantam na solidão.

* * *

Como era bella assim !

E o sabiá cantava e ella escutava-o.

O passaro notou essa attenção e estimulado soltou uma escala nitida, estridente, argentina, clara.

Depois começou uma ária, melodiosa, sublime, em que a sua voz alcançava todos os tons com

uma clareza e perfeição dignas de reparo, sobre os motivos talvez de alguma *Lucia* dos bosques.

Às vezes o canto tomava uns accents classicos, que recordavam Haendel ou Mozart, outras havia nelle uma melodia terna que lembrava Verdi.

Os japiins escolheram o seu melhor cantor para zombar da ave rei das mattas. Elle fez fiasco. Não conseguíu arremedá-lo. O chifro do passaro passava do lyrico ao epico, do epico ao bucolico. Ora era pastoril, terno apaixonado. Ora era altivo, arrogante, heroico. Havia algumas notas que pareciam uma risada. Tinham seu que de chacota. Offenbach misturava-se com Rossini.

Os japiins estavam mudos, corridos de vergonha.

E a gentil lavadeira parara de folgar e escutava, com a bella cabeça erguida, o canto do carachué.

* * *

Eu tambem escutava-o e olhava-a.

De repente estremecei.

Por detraz da linda lavadeira apareceu, primeiro uma cabeça, e depois um corpo, redondo, negro, luzidio, asqueroso.

Era a sicurijú.

Tinha a bocca aberta e deslisava branda e cautelosa sobre as folhas verdes do maruré.

E aproximou-se.

Alongou o pescoço, esmagou com a repugnante cabeça uma flor, escancarou as fauces e...

E a horrivel cobra ia morder no collo airoso da Raymunda da Outra-banda.

Levantei a espingarda e, rapido, tremulo, precipitado, atirei.

O reptil estorceu-se, girou sobre si mesmo e caiu com a cabeça esmigalhada sobre o mururé.

A lavadeira deu um grito, correu para a margem, envolveu-se instinctivamente nas roupas e fitou os olhos pasmos na serpente, com as mãos amparando o seio offegante, como si o coração lhe quizesse saltar fora.

Foi esse o primeiro tiro que acertei.

O povo de minha terra crê que ninguem erra tiro em cobra.

* * *

Voltei á cidade.

Perguntei pela lavadeira.

Disseram-me seu nome e contaram-me quem era.

Era casta e pura como a Mani da lenda indigena.

* * *

Passaram-se dois annos.

Eu voltei a ***.

Uma tarde estava sentado no parapeito do alpendre da linda capellinha do Bom Jesus, edificada em uma risonha collina.

Do sol apenas uns raios vinham bater nas paredes brancas da capella.

Era Ave Maria.

As lavadeiras, com seus balaios na cabeça voltavam do lago e passavam em minha frente no lado opposto da praça.

Lembrei-me então da gentil lavadeira que vira outrora banhando-se nas aguas do lago.

Meu amigo A... estava conmigo.

Perguntei-lhe pela Raymunda da Outra-banda.

Respondeu-me: Morreu.

Eu estremecei e, com esse acento de quem não quer crêr uma verdade dolorosa, tornei-lhe:

— Morreu!?... Como?

— Vive hoje com um regatão, commerciando nos lagos de Faro.

Disse e calou-se.

* * *

Alguna coisa opprimiu-me o coração.

Era o toque plangente de Ave Maria no sino da capella.

JOSÉ VERISSIMO.



NATAL NO LOURENÇÃO

Foi debaixo de uma chuvinha persistente e mangueira que o Neca Alves voltou do capoeirão, ao fechar da tarde, carregado de palmas de guaricanga e de folhas de samambaia das miúdas. Um ameaço de sol doirara o fundo do poente, que logo, entretanto, se acinzentou de novo, até que a barra da noite, menos escura, talvez, que as nuvens do alto do céu, se foi alastrando pela costaria verde-negra das montanhas. Urrou, pelas sofraldas, e voz melancolica e pausada das vacas errantes: e de longe lhe respondeu, vingando o morro todo tremulo das touceiras de jaguara, o bramido aspero de um touro costa d'África.

O Neca era um mestre dos nataes d'aquelles centros. Em tres leguas em volta ninguem sabia pôr a mão num presepio nem puxar uma reza como elle. Catava quanta barba-de-velho pendia das arvores heradas, pelos campos-cobertos; quanta folhagem exquisita nascia á beira dos

corregos: e até — coisa que fazia piedade! — os ninhos que podia topar, dos sabiás, João-de-barro e dos tico-ticos indiscretos. Fazia o giráu a um canto do alpendre, armava um empalizado junto d'este, compunha e concertava os musgos e as flores a todo o arranjar, lançava ao fundo a mangedoura, e tinha um geito todo seu de collocar os classicos animaes que viram, logo ao nascer, a linda creancinha de Belém, que foi Nosso Senhor Jesus Christo.

Assim, pendentos sobre a palha secca e aos lados da cumieira, com os rostos muitos risonhos voltados para o berço rustico, os anjos pareciam mandar ao gallo que cantasse, ao boi que mugisse e ao carneiro que balasse brandamente, por não estorvarem o somno placido do filho de Maria Nazarena. E via-se bem que o carneiro e o boi e o gallo não tinham vozes agudas, porque mais se occupavam em olhar para o doce vulto infantil que tinham diante, cercado de flores agrestes, de mangas, de cajubys, de pingos-d'agua e de marmellinhos.

Era um verdadeiro mutirão, o preparo do presepio: cada qual dos convidados trazia uma novidade ou uma surpresa, como rosas raras naquelles ermos, jaboticabas atrazadas, galhos vermelhos de café-murta em pencas. A Risoleta, o pancadão do bairro, alva e engraçada como um lyrio de ribeirão, trouxera agora um braçado de tabúas e ramalhetes de bariricó ladeados de maravilhas. O Neca, vendo-a entrar assim, admirou-se:

— Tabúá, aqui, siá dona? Eu cuidei que isto só dava na minha terra, p'r'as esteiras que a gente vende nas festas e nestê rincão só tinha o piry, que p'ra mim é uma planta cansada!

Ella corou ligeiramente; não tanto como as maravilhas que trazia nas mãos, mas decerto muito mais que o namorado, quando lhe disse taes coisas: que o Neca Alves, um tostado de Serra Acima, era quebra e decidido para pensar e dizer... Começou a ajudal-o, então: e Nosso Senhor, si pudesse ver, acordando de repente e com olhos que entendem, toda flor e toda fructa que lhe foi posta ao lado, teria de estranhar que na terra de sua natureza pudesse haver uvaías e araçás, officiaes-da-sala e sumbaré.

Num certo momento, encontraram-se as mãos de ambos. Era natural, na continuação do trabalho: e, comtudo, a della tremeu de leve, a maneira de uma juruty que a aragem toca, e elle pediu-lhe desculpas, serenamente, como quem sabe que vai ser logo desculpado. Nada mais

que isto: e, apesar de ser tão pouco, a Risoleta já não foi mais, de então por diante, o alvo lyrio do ribeirão, porque inteirinha se fez rosada como a flor do pecegueiro. Foram chegando os visinhos: a mangedoura mais ficou sendo um jardim e um mercado de fructas, que mangedoura, onde havia cordas e trapezios em que brincavam creanças, umas viradas para o menino Jesus, outras sungando a outras.

O dono da casa appareceu afinal, rengo e pezado, arrastando pelo chão soccado a sua erysipela doida e barullienta. Quem o viu, triste e entregue no meio de toda a alegria espalhada no alpendre, ficou logo tambem triste. Mas houve quem procurasse combater a impressão de magua que se ia entranhando no povo:

— Ué, seu Caetano, você 'tá que nem moça da roça, c'uma perna fina e outra grossa?

Elle voltou-se para o caipira alegre, e seus olhos tiveram um grande olhar de commovida renuncia. O caçoista ficou sério, aproximou-se, poz-se a examinar o pé inchado do doente, e concluiu, solemne como numa conferencia:

— E não é que o home 'stá mesmo c'a erzipa das brabas? Mas porém isso não vale nada: atuche-lhe uma banharada de arve-de-lagarto, uns pannos molhados em cozimento de herva-lanceta que numa volta de mão 'tá prompto p'ra outra. Exp'rimente só!

Fazia-se estridente a gritaria dos grillos e dos gafanhotos, fóra. Viam-se brilhar no céu, muito nitidas como pregadas num velludo já gasto, as maiores estrellas: que as outras, fraquinhas ou desconsoladas, não se animavam a apparecer na profundeza d'aquella noite de festa. Levantou-se o tempo, mas a horas que os gallos principiavam a bater as azas e a cantar, espaçadamente ainda. E como o Neca se puzesse em frente ao presepio, e ajoelhasse, todos ajoelharam tambem, numa grande agitação de bancos e prucas arrastados, num forte rugir de saias e de calças cheias de gomma.

Começou a reza. O Neca era afiado para aquillo, sabiam-n'o todos: mas, fosse lá como fosse, não tinha a voz tão segura como sempre, distrahia-se ás vezes, estava um capellão de meia pataca. Engrolou a maior parte da ladainha, resmungou outra parte, liquidou a obrigação tão depressa como poude, e sentiu no peito um doce allivio, quando, chegando aos ultimos versos da cantoria necessaria, ouviu no terreiro o estrondar dos tiros de garrucha e de rouqueira. Ergueu-se,

avisinhou-se das Tres Pessoas, fez uma reverencia ao Menino Deus, beijou-o: e saiu.

Já trilavam as violas, roncavam os violões, e uma animosa sanfona fazia ouvir, da cosinha, o seu repertorio fanhoso e curto, quando os convidados se chegaram ao presepio e foram deixando esmolos e retirando fructas e flores: que ellas são sempre capazes de fazer feliz a quem quer que seja, nas virações da vida... Como fosse augmentando o movimento nas cercanias do presepio, e crescesse tambem o rumor, surgiu da noite um macho crioulo, pinhão, muito inhato e tabicó, de piques nas orelhas, e pegou a trocal-as ao pé da porta, contemplando extasiadamente o povo, cheio de bichos e de anjos nos negros olhos pasmos.

Pouco durou, porém, aquella contemplação: os guapécas que andavam cercando a mesa, onde já se viam lourejar os quartos de leitão e os franguinhos assados, saltaram ao pobre do burro, si não quando, e elle de novo entrou na noite, a trote secco, zonzo e meio cadeira. Muito tempo ainda se ouviu, de mistura com os primeiros cantados, o ladrar bravio dos cachorros e a tropeada fugitiva: e tudo se afastou, afinal, até se confundir com a barulheira do corrego do Lourenção, que as chuvas recentes tinham engrossado.

Quem tirou o primeiro coreto foi o Caetano, embora estivesse increenco e pesadão desde já muitos dias atraz:

Aos amigos
um brinde é feito:
reina a alegria
em nosso peito.

E a rapaziada cantava deliciosamente o conhecido estribilho:

Grato licor,
Alegre e jocundo,
Que todo este mundo
Desafia a amor.

Uma velha, rodeada de creanças, contava a historia do nascimento de Christo:

— O gallo, antão, cantou por este geito: «Jesus Christo nasceu!» E a vacca perguntou-lhe: «Adonde?» E o carneiro arrespondeu: «Em Belém».

Mas a festa não ia boa: faltava-lhe o Neca Alves, que era todo enlevos e mimos com a Risoleta. Já lhe chamavam puxa-puxa, coisa com que elle dava um cavacão sem altura; já diziam que tijolo e azeite d'aquelle feitio, era desaforo de mais: e houve um senhor muito saido, que, ás

escondidas delle e della, os prendêra um ao outro a poder de alfinete de fralda.

E a conversa dos dois era esta, por fim:

— Quando eu lhe vi, nhá Risoleta, est'ro dia, na casa do Carmo, de vestido côr de rosa e cravo branco no cabello, e tive que vir-me embóra, já voltei mais seu do que meu: fiquei logo latejando si havia de lhe pedir por minha bocca ou mandar soletrar uma carta, si a carta devêra de ser p'ra você ou p'r'o seu pae.

— Tanto faz, seu Neca: a gente querendo, já vê que ninguem pôde contra. Eu queria, não é? Já tava meio caminho andado...

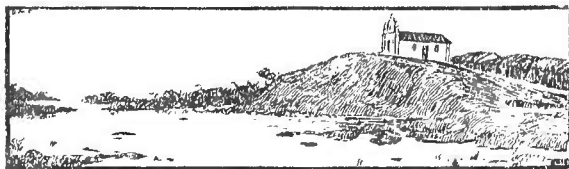
— E adonde foi que você me disse que queria, ou ao menos, me deu a entender essa vontade?

— Quem quer bem adivinha pensamento; era da sua intenção que eu saisse annunciando que lhe tinha amor, ver esses piás que carrega taboleta de circo de cavallinhos?

Apontava a manhã fresca e rubra. O sol mostrou-se com pouco. Houve tremuras de orvalho na grama-seda do piquete, porque ventava rijo. E o macho pinhão, ao longe, encostado á cerca de cangiquinha, dirigia para a casa de morada um olhar muito repassado de tristeza e saudade. Toda prata da grama foi sumindo, envergonhada, porque todo o ouro do sol deu de roda e pelo chão.

— ...E que casamento bonito, não é nhá Risoleta? Bonito e singelo... feito o Menino Jesus...

VALDOMIRO SILVEIRA.



A VENDA SECCA

Beira-corgo tambem sabe suas lendas. Ouvi uma de um piraquara anguloso, certa vez, pescando á sombra de uma ceboleira, entre porcos que fossavam o tijuco e sapos coaxantes no brejo. Contou-m'a a proposito da «venda secca», entre-meando as palavras nasaladas de benzimentos mofinos e devotissimos.

Num alto de espigão, entre cafeeiros «largados», carurús, rubins e cupins, amontoam-se ruinas de uma tapera. Como toda tapera, fora mal-assombrada e, ainda hoje continuam seus restos mettendo arrepios de pavor em pleno dia, com suas

lesmãs, moreegos, rans, cobras, aranhas peludas que se arrastam e caem no velho poço, corujas dorminhocas que durante a noite viram defuntos e se dependuram em cruces, lá ficando, a brilhar macabramente ao clarão do luar sinistro, gelando a espinha, já de longe, a viandantes noctivagos extraviados.

— 'tá 'hi «venda secca» ! Garra o santo, moço...

E o tabareu passa de largo, encolhido no lombo.

Noutros tempos aquillo fôra uma venda. Não se sabe quem foi o maluco constructor da casa. O certo é que, pela sua situação, a agua ahí era difficilissima. Sómente de raro em raro, quando chovia, é que ella marulhava, transitoria como um sonho fugacissimo em mente arida de esperanças, escorrendo, feita enxurros, pelas gretas do terreno resequido. O lugar era mesmo fatidico. Não se sabe por que artes do Demo, mas o facto é que quanto mais aprofundado, o poço mais escondia o liquido precioso. O vendeiro era o que hoje se chama um urso ou exquisitão. Lá vivia atraz do balcão, a soltar baforadas sem fim, cantolando :

«Biroca morreu, tchim, tchim» ...

Naturalmente algum desilludido que, não aspirando a mais nada na vida, para lá transportara seus tarecos e botara venda.

Certo dia, aquecendo as mãos ao fogo, disse uma beatona que confabulara a noite toda com o padre, entre mucamas escarrapachadas em torno á panella de pipocas :

— Seu vigario diz que o dono da venda-secca é um bruxo. Vive sem agua o coisa, como o coisa-ruim ...

Alastroy-se a suspeita, áquellas palavras da rezadeira, nascida facil na alma supersticiosa dos tabareus. A venda secca foi isolada. Excommungaram-n'a, e ninguem mais ousou por lá os pés. Um dia os corvos começaram de baixar, sinistramente, sobre a casa maldicta ... E ella lá ficou, tapera, lembrando aos posteros melancholias ou esplendores extinctos de uma vida extincta.

Mas, porque o poço não dava agua ?

E' aqui que começa o mysterio e, portanto, vem a lenda do *beira-corgo*. Lendas... quanto as adoro ! As de nossa terra, de mistura com as tradições de nosso povo, tão meigas, tão tristes, tocadas de suavissima nostalgia, narradas em noites apprehensivas, de geada, em redor do fogo ! Sente-se uma como revivescencia do passado, tem a gente a impressão dulcissima de que o espirito sempre vivo das gerações, passadas nos fala á alma,

sussurra-nos conselhos, transmite-nos maravilhas tão proximas de nós, mas que não conhecemos !

Em cada uma dellas se vislumbra um acto de tragedia horripilante, uma scena de drama pungente, uma batalha vencida na asperissima lucta da colonização, da formação da Patria por extranhos aventureiros penetrando o mysterio apavorante da terra virgem. Galopam-nos pela visão sonhadora mil procissões phantasticas de caravellas, frotas, povoações, reductos, missões, frechamentos, cohortes de devastadores e cathechizadores, entradas, bandeiras — toda a estupenda obra, emfim, do arrebatamento de uma terra fecundissima, á selvaticueza dos gentios, das fêras, dos reptis. E recitamos baixinho :

«Ah ! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida...

.....
Mas vamos á lenda :

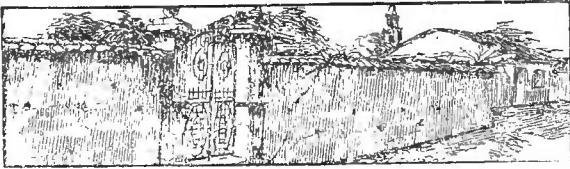
Tempos idos. Só Tapuyas, naquellas regiões de cerradissima floresta virgem. Reinava Gulamby — um cacique potente, com sua tribu antropophaga. Chegaram os brancos, com maldades inauditas. Houve guerras, massacres sangrentos, captiveiro penosissimo, e os indios que escaparam á sanha invasora refugiaram-se, com seu chefe, pelas furnas das cercanias. No meio dos invasores, porém, estavam os capuchinhos, bons, piedosos, que protegiam os bugres. Os indios eram seus amigos.

Ora, um dia, por lá apparecera um capuchinho isolado, talvez maluco, de longes terras, olhos ardentes em extase, sonhando um mundo. Viera do Oeste, do paiz do *sombrero*, onde estavam as doces *chalias* palmeiras de saia rubra. Havia phantasiado grandezas, em seu cerebro melodioso como a voz de suas bellas patricias, e sahira, louco, só, a realizar seus castellos. Jornadeara longamente, atravessara mattos sem conta, passara pela região dos largos rios atoladiços, dos xarayes, chegara á terra roxa, aos dominios da esfarrapada tribu de Gulamby. Subira a uma eminencia do terreno, onde só havia vegetação rasteira. Erara a vista em torno, deslumbrado. Vira o auroreecer, e se não contivera ante tanta belleza. Exclamara : «Eldorado !» Depois, seu coração parece que se derreteu como mel. Era a nostalgia, o *spleen* da selva, a saudade dos que amava. Procurou agua. A seus pés, no alto do morro, cantava o crystal de uma lympha encantada. Tupan prohibira que se bebesse della. O capuchinho bebeu e morreu. Gulamby encontrou-o. Reconheceu a vestimenta. Era amigo. Era dos que protejiã os selvagens, ensinavam as creanças e

brandamente aconselhavam os adolescentes. Reuniu a tribu. Houve ritos tristes, funebres, e Tupan, compadecido, fez seccar a fonte malefica, dizendo que em tal lugar vida humana não seria mais possível, porque a agua não surgiria mais. E muito mansamente deixaram o capuchinho dormindo seu somno eterno, e aquella paragem que- dou no mais absoluto repouso.

Nesse lugar, mais tarde, surgiu a venda secca...

OLIVEIRA E SOUSA



O VELHO ESCRINIO

Quando entrei na sala, chamou-me a attenção a insistencia daquelle olhar que me fitava, que me penetrava, que me illuminava todo. Nunca eu a vira em minha vida; conversava intelligentemente com um meu amigo, mas, os seus olhos faiscavam de continuo sobre mim.

Que haveria de ser? alguma extravagancia na minha veste? alguma nódoa no rosto? alguma tristeza incoadunavel com a minha mocidade? Nada. Eu falava descuidadamente e o riso estilhaçava-se nos meus labios.

Na semana seguinte, repetiu-se tudo com mais um acrescimo de curiosidade: pediu ao amigo que me apresentasse. Seus olhos flammejaram ainda mais quando os fixei e senti na mão que apertava a minha uma energia que eu não julgava existisse naquelle corpo envelhecido.

— O senhor me fez muito mal quando o vi pela primeira vez...

— Como assim?

— ... a recordação de uma juventude quasi divina é o maior tormento de um coração que envelheceu! é uma saudade que nos leva ao desespero, o pensar no que somos e no que nunca mais tornaremos a ser!

Havia eloquencia nas palavras da ancian e o seu toucado negro tremia aos gestos da sua cabeça branca.

— Não vos comprehendo; que recordação angústiosa poderia evocar-vos neste meu traje escuro?

— Não falo do seu traje, falo do seu rosto; elle evoca-me uma visão passada ha cincoenta annos na luz dos meus olhos; nunca mais a esqueci e hoje, meio seculo depois, esse rosto ainda me olha e com que olhar! com um olhar que é

á hora da saudade, com o ultimo raio de sol apagou-se a luz derradeira do seu ultimo olhar e piedade e censura, que é reprehensão e dó. O seu é copia delle. Oh! que mal e que bem me fez quando eu o vi.

E a sua mão de seda affagava-me a cabeça num gesto de bençam. Perguntei-lhe o nome desse primeiro e inesquecido amor; num riso triste, espalmado a destra sobre o peito e, apontando o céu com o indicador que tremia, exclamou transfigurada:

«Ah! moço, talvez esse nome tambem seja o seu! jurei nunca mais pronuncial-o depois que o li gravado na alliança de outra mulher.

Sabel-o-á um dia, quando eu morrer».

As visitas repetiram-se, o affecto estreitou-se e para mim, aquelle vulto sombrio de ancian entristecida, sombra que em si guardava uma recordação luminosa, fez-se parte do meu ser, enchendo de paz e saudade o meu coração vasio. Vel-a discorrer com tanta paixão sobre o passado, evocal-o traço a traço na contemplação religiosa do meu rosto, era para mim um encanto. Era sempre de tarde, á hora da saudade que ella apparecia, quasi nunca da noite, a conversar commigo na janella do seu quarto, velha ogiva gothica, olhando longe, um horizonte infinito. A sua mão se extendia, reerguendo na distancia, á luz môrta do erepusculo, os fulgentes saráus da sua mocidade galante. E, no meio das sedas, ao brilho dos crystaes, ao retinir das cópas em curvas elegantissimas de brindes, ao esfusiar dos minuets e madrigaes, sempre *elle, elle* sempre surgia donairoso e esbelto, olhando-a com aquelle olhar que era censura e dó, reprehensão e piedade. E a oradora arrematava infallivelmente o seu discurso, por achar um meneio qualquer do meu corpo que reflectisse um qualquer ademane do seu fallecido amor.

Um telegramma, um dia, chamou-me para a cabeceira da ancian; quando entrei, illuminou-a ainda um sorriso e a mão emagrecida que eu apertava, senti um tremor longinquo de commoção. Falava comprehensivelmente: «Asente-se aqui; quero-o para meu companheiro nesta ultima hora. Olhe-me sempre; em toda a minha vida, em toda a minha velhice um só consolo eu tive — foi o seu olhar. Olhe-me ainda quando os meus olhos não o virem mais!» Depois, apontando-me com a cabeça um escriptorio sobre um movel: «E' seu. Abra-o quando eu for morta; dentro estará o nome que me perguntou um dia e que lhe neguei revelar». Definhou por quasi um mez ainda e no fim duma tarde quente,

em minhas mãos senti o gelo do seu extremo adeus.

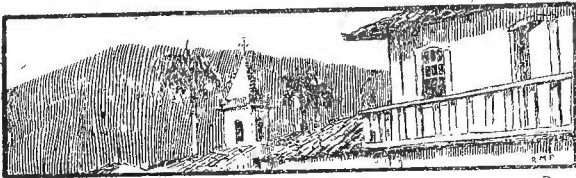
Momentos apos, abria o escritorio. Dentro, no brilho de algumas joias raras, um maço de velhas cartas que um pedaço de trança loura amarrava. Folhas seccas de malvas exhalavam ainda um perfume que fazia sonhar e encher-se a alma de uma saudade profunda. Minha mão tremeu ao violar o segredo daquelle amor e foi de joelhos que abri as velhas cartas e aspirei o morto arôma daquellas flôres mortas.

Que enigma ! que mysterio ! No fim de toda a carta, naquelle mesmo talhe tão meu conhecido, tão meu familiar ; com aquella sua calligraphia caprichada e artistica, o nome do meu pae — A. de Noronha e Castro !

Elle fôra o primeiro e inesquecido amor da minha inesquecida ancian. E eu fiquei de joelhos diante das reliquias daquelle amor que era tambem um pouco meu.

No dia seguinte lia-se na fita mais rôxa da corôa maior — «Eternas saudades de A. N. C.» ; era eu que, em nome desse outro morto cujo rosto vivia no meu, saudava no dia do enterro della, a essa que fôra minha adoradora por que não pudera ser minha mãe.

F. SILVEIRA



O T O N I C O

O Tónico, que muito conheci, gostava de pregar suas petas com aquella voz de falsête, hesitante e humilde ao mesmo tempo, que era o seu melhor caracteristico.

Essas historias sêmpre versavam sobre caçadas, passaros de estimação e cães de caça ; invariavelmente tinham um heroe ou heroína : — uma raposa de manhas inacreditaveis, surgindo a uivar pelas encruzilhadas em êrnas horas, tetricamente, o ventre pregado ao espinhaço, esfaimada, olhos phosphorescentes ; um pintasilgo de canto harmonioso e arrebatador, attrahindo a poisar no peitoril da janella os canarios bravios, côr de oiro ; ou um lebrêu de fôlego terrível e faro nunca visto, costumeiro a pegar pelo gasnete os guaxinins rai-vosos e a pendurar-se ao nariz dos asperos novinhos.

Um dia pregou-me esta :

— *Seu* compadre, eu andava de viagem pelo sertão, montado numa *bestinha* ruça e estrangeira que *foi* do *finado* *Misael*, do *Saco* da *Velha*.

Já o sol ia alto quando passei por uma *crôa* fechada, onde havia, abeirando a verêda, uma porção de *paus-brancos* seccos.

Lá em cima de um dos *paus* havia um buraco, um *ôco*, e dentro remexia uma coisa. Calculei que fosse um ninho de papagaios. Apeei-me, deixei a *bestinha* sôlta e marinei pelo *pau* arriba. Era, com effeito, um ninho ; e dentro estavam dois papagainhos ainda pelladinhos da silva, — um machinho e uma fêminha.

Peguei o machinho, desci e pul-o no chão, bem perto da minha eguinha, que estava pastando. Quando subia de novo pelo *pau*, para buscar fêminha, ouvi uma vozinha fanhosa e fraca dizer por aqui assim :

— Meu sinhôzinho, tire a *bestinha* daqui, sinão ella me piza !

Olhei admirado. Era o papagainho quem estava falando.

A fêminha morreu logo, mas o machinho durou muito e ficou um papagaio bom, falador de fama. Sabia toda a ladainha de Nossa Senhora e o responso de Santo Antonio, de côr. Era meus pés e minhas mãos no arranjo da casa. Servia tambem de *chama*.

Attrahia, gritando e chamando, os bandos de papagaios que passavam — rumo do sertão, no inverno, — buscando as praias, no verão.

Botava-o sempre nas arvores do quintal. Quando o bando de papagaios sentava-se chamado por elle, *zaz ! traz ! papocava fôgo* : tres, quatro comiam terra. Escolhia os mais gordos. Eram a *janta* ou a *ceia*.

Uma vez ia passando um bando : botei o bichinho no cajueiro. Elle chamou e os outros, meio desconfiados, poisavam muito chegadinhos a elle de modo que eu quasi não podia atirar, temendo feril-o. Estava hesitante, arma em punho, procurando um geito, um modo melhor, quando elle gritou-me, o meu bichinho :

— Atira, Tónico, sinão elles vão embora ! Grande custo homem !

Não tive duvida, mandei chumbo num casal de papagaios gordos, mais distanciadados. Ambos cahiram ; mas... coitadinho !... (As lagrimas reben-tavam-lhes dos olhos) um caroço de chumbo *variado* pegou no meu papagainho, que cahiu tambem... Corri para o meu bichinho, agonizante no chão : e, quando me abaixei para pegal-o, elle botou a mãozinha no peito cheio de sangue ; com os olhinhos rasos d'agua me disse :

— Mataste-me, Tónico, sem querer... mas eu te perdôo a minha morte...

E o Tónico soluçava.

JOÃO DO NORTE

SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica
e pittoresca dos
grandes escriptores**

COELHO NETTO

A 21 de fevreiro de 1920, completando Coelho Netto 55 annos de idade, «A Folha» de Medeiros e Albuquerque, mandou entrevistá-lo a respeito de sua carreira literaria. As respostas do grande escriptor são interessantes :

— «A minha primeira publicação data de 1880 a 1881, si não me falha a memoria... Era um soneto «No Egypto», que publiquei nos «A pedido», do «Journal do Commercio»... Em seguida mandei para a «Gazetinha», sob a direção de Favilho Nunes, dois contos, um dos quaes se intitulava «Marocas»... Arthur Azevedo, que fazia então o «Correio» desse jornal, passou-me uma descomponendazinha. Disse lá que o autor de tal «Marocas» deverá procurar outro officio. Aquilo doeu-me no intimo. Fiquei tristissimo, mas não dezanimei. No meu isolamento comecei a trabalhar num poema épico «Guanabara», de que não sei por onde andam os originaes. Ao mesmo tempo, escrevia tambem uma peça para theatro, uma opereta «A propheta»... Tudo, porém, ficou sem publicação. Em 1883 fui para São Paulo e lá encontrei Raul Pompeia, meu companheiro literario, com quem comecei a escrever. Entrando na Academia de Direito, lá fui companheiro de Raymundo Correia, Valentim Magalhães e Augusto de Lima, naquela vida boemia de então, sob a impressão ainda dos versos de Alvares de Azevedo... Varios jornais academicos saiam mensalmente, combatendo pelas ideias abolicionistas. Em «A Onda» colaborei ao lado de Rivadávia Correia, Muniz Barreto, Gomes Cardim e Nelson Tobias. Depois fundei «O Meridiano» de

que saíram quatro numeros apenas. As ideias combativas do tempo levavam-nos à tribuna, que ocupei por varias vezes, em discursos incendiarios pró abolicionismo...

Em outubro desse anno embarquei para Recife, onde fui prestar exame do meu primeiro anno de direito. Na luminosa capital nortista colaborei em «A Folha do Norte», de Martins Junior... Pairava sobre todos nós a figura inolvidavel de Tobias, de quem fui intimo... Nas minhas horas de isolamento completo vejo o grande mestre na minha retina: os labios grossos, os olhos empapuçados de longo estudo, o cabelo puxado na testa, a explodir a sua gigantesca admiração pela Alemanha...

Sigamos. Voltei a S. Paulo em 84 onde, com fervor, tentei os primeiros contos, os artigos de polemica, e senti as primeiras manifestações exercidas no meu espirito por Maupassant. Foi para mim o periodo mais fecundo de leitura ao lado de Pompeia, que era um devorador de livros classicos...

Só em 85 vim para o Rio, onde, a convite de Patrocínio, me fixei, entrando a fundo na campanha abolicionista, com prejuizo da minha carta de bacharel. Aqui, morando com Aluizio de Azevedo, comecei as minhas primeiras tentativas de romance, trabalhando ativamente na «Gazeta da Tarde», em obra jornalística... Na «Vida Moderna», de Luiz Murat e A. Azevedo, comecei a colaborar, publicando os «Contos», com o pseudonimo de Charles Rouget. Diriji «O Dia» e o «Diario Illustrado». Trabalhei no «Novidades», com Alcindo Guanabara; na «Gazeta de Noticias», no «O Paiz», no «Diario de Noticias», com Ruy Barboza. Rediji «O Meio», com Pardal Mallet e Paula Ney. Mais tarde, colaborei na «A Noticia», como folhetinista, no «Correio do Povo» e como correspondente de varios jornais do

norte e do sul do paiz; na «Cidade do Rio», com Patrocínio, sendo secretario da «A Folha», quando veiu a abolição. Ainda fui folhetinista do «Correio da Manhã», publicando um conto aos domingos...

Eis ai minha obra de jornal...

O primeiro volume publiquei depois do meu casamento, em 1890, «Rhapsodia». Tendo feito um contrato com Domingos de Magalhães, obriguei-me a dar mediante a quantia de 400\$ mensais de dois em dois mezes, originaes para um volume, nunca inferior a 200 paginas.

Esse editor publicou oito volumes perdendo os originaes de sete obras, consideradas. São elas: «Paineis», «Georgicas», «Mozaicos», «Fagulhas», «Maravilhas» e «Vida Nomade». Tambem desapareceu o volume «Fim de Seculo», negociado em 1901 com João Mofreita, de São Paulo.

Tenho tambem entregues e não publicados, á Livraria Alves, desde 1900, o original de uma obra intitulada «Viajem de uma familia ao Norte do Brazil» e um sainete, intitulado «Agua de Caxambú», escrito por encomenda da empreza das referidas aguas...

Tenho, portanto, publicados, até hoje, 62 volumes.

Entregues e em vespas de sair, tenho quatro, sendo um ao editor Romualdo dos Santos, da Baia; outro, a minha campanha politica no Maranhão, que eu mesmo editarei com o titulo «Reacção Civica» e mais dois em mãos de Lello, Irmãos do Porto. Esses editores estão reeditando, em edições revistas, e algumas inteiramente refundidas, toda a minha obra... Nessa estatistica, não incluo os folhetos e opusculos que são em numero de sete... Além disto, tenho vertidos para linguas estrangeiras, trez volumes em alemão, annunciando os editores em «Wilduis», o aparecimento de mais dois outros: «Urwald» (Floresta) e «Schwartz Koenig»

(Rei Negro), livros esses que ficaram encahalados por motivo da guerra.

Uma caza franceza anuncia a traducção de «Rei Negro», sob o titulo de «Macambirá».

Além disso, outras cazas, uma franceza e outra sueca, pedem para traduzir contos para uma anthologia de escritores ibericos...

Acham-se em minhas mãos para enviar aos meus editores portuguezes seis volumes e mais um á Livraria Alves, sendo trez romances, dois volumes de contos, de ficção; um volume de contos sociais e um livro em que escrevo as minhas conferencias na Escola Dramatica... Eis o que você queria. Estão á a minha obra e a minha vida.»



“Inania verba”, de Bilac

O verso, obra de arte do pensamento, opera como obra de arte: pela simples presença. A primeira leitura, empolga como a tela ou o marmore á primeira vista. Esfazer o verso, pois, rarefazendo-lhe as bellezas em mal coada prosa, desarticulando-o, desmembrando-o, parece muito o mister do iconoclasta: pura profanação.

Comtudo, jamais nada suggeriu tanto como a propria arte, essa que age á primeira vista, como á primeira leitura, pela simples presença. E' do seu natural o suggerir. E, si o é, porque não supportará ella a expressão disso mesmo que lhe é proprio?

Não. Só não tolera analyse obra inconsistente de arte pécca. A outra, a grande Arte, resiste mesmo á impericia...

Nada tão falso como a analogia entre a disseccção anatomica e a anatomia do verso. O cotejo é forte. Violenta a imagem e, portanto, falsa. A belleza humana, que se desfaz a golpes de ferro, desfeita, clama em nós por todos os sentimentos e instinetos: emociona pelo horrivel. Não se inspira o anatomista na arte ou na poesia, senão na sciência...

Ora, diversa é a operação critica, que na belleza procura mais bellezas, outras bellezas, novas bellezas, ou a ausencia dellas, o que ainda é uma homenagem a ellas mesmas, na especie. Salve-se, pois, ao menos pela intenção, que é toda e apenas artistica.

Ademais, a composição poetica, expressão de sentimentos reduzidos a ideias, não é assim — como nenhuma,

aliás — arte que desde logo se penetra em sua plenitude. Expressar pensamentos é alguma coisa difficil, com raías pelo torturante. Compreendê-os, pois, em todas as suas minudencias! e nuances, tanto na profun-

deza quanto na superficie, não é obra para uma simples vista de olhos.

Que custa essa arte ao artista? Apenas, a ancía, o desespero, a revolta que Bilac exprimiu em «Inania verba»:

Ah! quem ha de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz, e, em breve,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava.
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve.
E a Palavra pesada abafa a Ideia leve,
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai! quem ha de dizer as ancias infinitas
Do sonho? e o céu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

E', decerto, tão velha como o homem a insufficiencia da linguagem. Nasceu com elle e'com elle progrediu. Que, quanto mais se aperfeiçoa o espirito, menos a lingua lhe corresponde ás exigencias. E, si ella tambem se aperfeiçoa, vão os dois aperfeiçoamentos em desigual carreira, longe este de alcançar aquelle.

E' que as palavras são limitadas. Na propria limitação têm a sua força. E o pensamento, livre, só tem limites onde se acaba a razão e, com ella, as suas ultimas apparencias. Eis todo o trabalho: definir o indefinido, conter o infinito no finito. Por outro motivo não é que, no fundo, toda discussão é um' caso grammatical a resolver... A philosophia transcende, mas, attingidas as ultimas circumvoluções, fecha o seu círculo regressando á grammatica. Palavras, palavras e só palavras...

A grande indignação de Nietzsche era a insufficiencia das palavras, desgastadas pelo uso, desvirtuadas pelo abuso, alargadas e empallidecidas na sua significação. E ellas são naturalmente, assim convencionaes. Nada, em essencia, as prende ao objecto por ellas significado. As proprias onomatopéas, mais eloquentes, mais proximas do seu sentido essencial, são méras expressões auditivas, adstrictas a sensações de um só dos cinco sentidos humanos. Não ha onomatopéas possiveis para a vista, o gosto, o tacto, o olfacto, nem para as ideias geraes. As palavras são notações symbolicas e, quanto mais o sejam, mais transcendentas. A insufficiencia é, pois, innata.

Dahi nasceram as aspirações symbolistas. Mas do nascedouro levaram o germen do mal. Bilac, depois de «Inania verba», poderia ter iniciado a escola. A profissão de fé estava feita. Não quiz, porém, o poeta e, felizmente, passar da verificação do facto, agravando-o com procurar-lhe remedio.

Ah! quem ha de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...

A nossa alma, impotente, é escrava: não age, não diz nem escreve,

quando muito tem para exprimir. Pregada á cruz desse supplicio, arde e sangra, buscando a expressão. E, se acaso uma ideia a deslumbra, é para em breve, ao fixar-se, se desfazer em lodo.

«Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...»

Como pode «o que te deslumbra», uma ideia, desfazer-se em «lodo»? A ideia, unidade espiritual, nunca se desfaz em «lodo» nem em pó...

Entretanto, continuemos a leitura. O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:

A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...

E a Palavra pesada abafa a Ideia leve, Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Na alma que arde e sangra, o pensamento é um turbilhão de lava, emquanto a forma é um sepulcro de neve. E' pesada e abafa a ideia, que voava e refulgia, num deslumbramento. O pensamento, pois, é a lava informe, turbilhonante, ardente, que, em contacto com a atmospherá, se solidifica e se conforma. Resfriada, congela-se num sepulcro de neve.

Assim é que a ideia se transforma em lodo. Lava, substancia incandescente, affeição-se aos moldes que lhe damos. A's vezes, porém, não acha moldes... e eis o lodo.

Pois, «Quem o molde achará para a expressão de tudo?»

Ha inexprimeis. Sentimentos e sensações nem sempre se exprimem com palavras. As proprias formas não se reproduzem. As palavras exprimem ideias e imagens ideaes. A ira muda, o asco mudo, o desespero mudo pertencem á mimica, á linguagem dos gestos e das attitudes. Assim tambem, a fé intensa e o amor intenso, que requerem, mais que palavras, factos. São paixões: tendem a realisar-se, mais que a exprimir-se.

«Inania verba» é um soneto philosophico. E' um caso singular nas «Poesias». Mas, não quiz Bilac uma pedra solta no seu monumento. E integrou-a na sua obra, rematando-a com aquelle fecho de ouro, profundamente bilacqueano:

«E as confissões de amor que morrem na garganta?!»

Curiosidades literárias

A "Atlantida" de Platão

A proposito do romance — «Atlantida», de Pierre Benoit, — de que demos o resumo em nosso ultimo numero — entrou para a ordem do dia o problema do antigo continente que teria ligado a Europa á America até que o submergiu bruscamente um cataclisma geologico. Em todos os tempos, curiosos têm procurado averiguar os fundamentos da creação platonica. Sobre os Atlantes, os guerreiros que, em edades remotas conquistaram a Grecia e sobre o seu paiz de origem, a Atlantida, dá Platão descrições tão precisas que é difficil acreditar as inventadas. Segundo elle, os Atlantes habitavam uma ilha immensa, situada além das columnas de Hercules, mas tão perto dellas que facilmente podiam passar á Europa. Durante uma de suas guerras contra os gregos primitivos, quando sitiavam Athenas, desapareceu sob as ondas a sua terra natal. Tirando-lhes a catastrophe todas as possibilidades de auxilio, levantaram o cerco e sustentaram as operações. Embarcados nos seus bates, encaminharam-se para o oriente do Mediterraneo, afastando-se o mais possivel do lugar em que se sobrára a sua Patria.

Muitos geologos estão hoje convencidos de que realmente existiu a Atlantida e que Platão se fez echo de lendas antiquissimas, que repousavam sobre um facto real. Sobre tudo, estudaram a questão sob o ponto de vista geologico e zoologico. O sr. Terrier, da Academia das Sciencias de Paris, mostrou que a actividade vulcanica do oceano Atlantico não está extincta e que numerosos navegadores têm verificado os seus effectos até na superficie, sob a forma de fervilhamento do mar ou de desprendimento de vapores e gazes através das aguas. As sondagens effectuadas pelo principe de Monaco deram a physionomia exacta do solo sub-marino desse oceano: uma immensa crista em forma de S alongado occupa a sua parte mediana, attestando uma fractura gigantesca, que, partindo das immediações do polo norte, passa o Equador. Os seus pontos emergentes são a Islandia, as ilhas Feroé, as Açores, as Canarias, a Ascensão, Tristan da Cunha, etc. As explorações oceanicas do principe de Monaco permitiram tambem trazer á superficie, de uma profundidade de 3.000 metros, certas categorias de lavas que não poderiam ter-se formado senão ao ar livre.

Emfim, o sr. Germain, assistente do curso de zoologia do Instituto Oceanographico de Paris, revelou as apreciaveis similitudes entre a flora e a fauna das Ilhas do Cabo Verde, da Madeira e das Canarias com as das Antilhas ao passo que em nada se assemelham com as da Africa visinha.

Ha ainda um ponto de vista que parece não ter sido aproveitado até hoje e que, entretanto, parece de importancia capital para apoiar a these

da existencia da Atlantida: falamos dos indicios ethnologicos.

Quem visita o museu Guinnet ou as salas egypcias do Louvre se impressiona com o seguinte facto: sobre os frescos, fielmente reproduzidos, dos tumulos do antigo Egypto e das Pyramides, todos os objectos têm a cor natural que se conhece: as messes são verdes ou amarellas, conforme a estação, os bois são brancos ou ruivos, os asnos são pardos, etc. — o homem é vermelho, a mulher é amarella! — Não é, pois, desarrazoado deduzir que o egypcio era vermelho e a egypcia, amarella.

Vêde agora o indio da America do Norte, principalmente o Araucario e o Patagão, os especimens mais puros da raça: é o mesmo typo facial, a mesma cor de tijollo, nos homens e nas mulheres, a mesma carnacão amarellada. Ha mais: os indios mexicanos mumificavam os mortos como os egypcios, usando os mesmos processos. No museu do Trocadero se encontram mumias mexicanas, maravilhosamente conservadas. Emfim, nuns e noutros, são as mesmas as doutrinas religiosas que motivavam a mumificação dos mortos, isto é, a necessidade de conservar o corpo para deixar viver a alma, que tambem morreria no caso de desaparecer o seu antigo envolvero de carne.

A hypothese mais verosimel é que os indigenas da America e os antigos egypcios descendem da mesma raça que povoava a Atlantida. Tendo sido mais completa a submersão a leste, só permittiu a sobrevivencia dos Atlantes em guerra na Grecia, os quaes desembarcaram no Egypto e ali lançaram raizes, enquanto a maior parte da população escapada ao cataclisma ficava na outra margem.

E' tambem digno de nota que a aresta da cordilheira dos Andes segue symmetricamente a aresta submarina da Atlantida, acima assignalada e que os contornos da Africa e os da America têm uma configuração symmetrica, como si, aproximando-os, viessem a encaixar uns nos outros.

H. DE RAUVILLE.



LEITURAS

VULTOS E LIVROS — Arthur Motta — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Tratando dos livros do prof. Assis Cintra e do romance do sr. Canto e Mello, dissemos que a literatura em São Paulo baixara muito a craveira do seu valor. É de facto. De Monteiro Lobato, Léo Vaz, Hilario Tacito e Godofredo Rangel, estreias que foram estupendas revelações, para os ultimos nomes que vêm firmando o brinhas moftinas de vario genero, vai uma distancia, que só não percebe quem não enxerga.

Assim, eis aqui um livro novo: «Vultos e livros», do sr. dr. Arthur Motta. É um livro de critica? De estudo? De ensaios? Não é. Nem critica, nem estudo, nem ensaio. Tomando cada um dos quarenta immortaes, seus patronos e predecessores nas respectivas cadeiras, o autor emprehendeu fazer-lhes a bio-biographia. E fez. Dá-nos a biographia de cada um e a lista das suas obras. Um excellent catalogo, revelador de um magnifico temperamento de antiquario. Esse valor ninguem lhe pode negar: é um perfeito repositorio de informações. O proprio auctor, certo, não pretende mais.

O que não se pode é confundir tal trabalho com literatura. Não é sequer historia da literatura. São elementos para essa historia.

Todo o livro não tem uma ideia, não apresenta a menor marca de espirito e intellectualidade.

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

— SIMÃO DE MANUUA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Está nesses moldes o volume «Figurões vistos por dentro». Tambem nem sombra de ideia, nem vestigio de espirito, nem simulacro de arte. Como si nos fosse revelar inauditas coisas, segredos insuspeitados, altos escandalos, o auctor se fecha hermeticamente dentro de um pseudonymo para nos contar aneddotas semsaboradas de Pinheiro Machado, Dias Fortes, Costa Senna e outros.

Escreve mal. Desconhece a syntaxe. Estylo noticioso e ás vezes vascoso. Acompanha a mania chamada «nacionalista», de fazer «gruças», reproduzindo o falar caipira, simplesmente...

PURQUARAS — OLIVEIRA e SOUSA — Ed. Casa Editora «O Livro» — São Paulo — 1921.

O sr. Oliveira e Sousa apresenta-se com um livro de contos. É uma estreia auspiciosa. O auctor não é ainda o perfeito senhor de si mesmo. Tem o estylo anguloso, irregular, extranho dos que começam. Essas defeitos, porém, perfazem a massa de que sahem os escriptores. De resto, Oliveira e Sousa tem qualidades que o farão excellent contista, quando se desvencilhar de influencias e se assenhorear do seu mister.

É o que esperamos para breve.

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

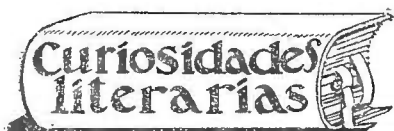
Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO



A "Atlantida" de Platão

A proposito do romance — «Atlantida», de Pierre Benoit, — de que demos o resumo em nosso ultimo numero — entrou para a ordem do dia o problema do antigo continente que teria ligado a Europa à America até que o submergiu bruscamente um cataclisma geologico. Em todos os tempos, curiosos têm procurado averiguar os fundamentos da creação platónica. Sobre os Atlantes, os guerreiros que, em edades remotas conquistaram a Grecia e sobre o seu paiz de origem, a Atlantida, dá Platão descrições tão precisas que é difficil acreditar as inventadas. Segundo elle, os Atlantes habitavam uma ilha immensa, situada além das columnas de Hercules, mas tão perto dellas que facilmente podiam passar à Europa. Durante uma de suas guerras contra os gregos primitivos, quando sitiavam Athenas, desapareceu sob as ondas a sua terra natal. Tirando-lhes a catastro, he todas as possibilidades de auxilio, levantaram o cerco e sustentaram as operações. Embarcados nos seus bates, encaminharam-se para o oriente do Mediterraneo, afastando-se o mais possível do lugar em que sobrara a sua Patria.

Muitos geologos estão hoje convencidos de que realmente existiu a Atlantida e que Platão se fez echo de lendas antiquissimas, que reponsavam sobre um facto real. Sobretudo, estudaram a questão sob o ponto de vista geologico e zoologico. O sr. Ternier, da Academia das Sciencias de Paris, mostrou que a actividade vulcanica do oceano Atlantico não está extincta e que numerosos navegadores têm verificado os seus effeitos até na superficie, sob a forma de fervilhamento do mar ou de desprendimento de vapores e gazes através das aguas. As sondagens effectuadas pelo principe de Monaco deram a physionomia exacta do solo sub-marino desse oceano: uma immensa crista em forma de S alongado occupa a sua parte mediana, attestando uma fractura gigantesca, que, partindo das imediações do polo norte, passa o Equador. Os seus pontos emergentes são a Islandia, as ilhas Feroë, os Açores, as Canarias, a Ascensão, Tristan da Cunha, etc. As explorações oceanicas do principe de Monaco permitiram tambem trazer à superficie, de uma profundidade de 3.000 metros, certas categorias de lavas que não poderiam ter-se formado senão ao ar livre.

Emfim, o sr. Germain, assistente do curso de zoologia do Instituto Oceanographico de Paris, revelou as apreciaveis similitudes entre a flora e a fauna das Ilhas do Cabo Verde, da Madeira e das Canarias com as das Antilhas, ao passo que am uada se assemelham com as da America visinha.

Ha ainda um ponto de vista que parece não ter sido aproveitado até hoje e que, entretanto, parece de importancia capital para apoiar a these

da existencia da Atlantida: falamos dos indicios ethnologicos.

Quem visita o museu Guinnet ou as salas egypcias do Louvre se impressiona com o seguinte facto: sobre os frescos, fielmente reproduzidos, dos tumulos do antigo Egypto e das Pyramides, todos os objectos têm a cor natural que se conhece: as messes são verdes ou amarellas, conforme a estação, os bois são brancos ou ruivos, os asnos são pardos, etc. — o homem é vermelho, a mulher é amarella! — Não é, pois, desarrazoado deduzir que o egypcio era vermelho e a egypcia, amarella.

Vêde agora o indio da America do Norte, principalmente o Araucario e o Patagão, os especimens mais puros da raça: é o mesmo typo facial, a mesma cor de tijollo, nos homens e nas mulheres, a mesma carnção amarellada. Ha mais: os indios mexicanos mumificavam os mortos como os egypcios, usando os mesmos processos. No museu do Trocadero se encontram mumias mexicanas, maravilhosamente conservadas. Emfim, nuns e noutros, são as mesmas as doutrinas religiosas que motivavam a mumificação dos mortos, isto é, a necessidade de conservar o corpo para deixar viver a alma, que tambem morreria no caso de desaparecer o seu antigo envolvero de carne.

A hypothese mais verosimel é que os indigenas da America e os antigos egypcios descendem da mesma raça que povoava a Atlantida. Tendo sido mais completa a submersão a leste, só permitiu a sobrevivencia dos Atlantes em guerra na Grecia, os quaes desembarcaram no Egypto e ali lançaram raizes, enquanto a maior parte da população escapada ao cataclisma ficava na outra margem.

E' tambem digno de nota que a aresta da cordilheira dos Andes segue symmetricamente a aresta submarina da Atlantida, acima assigulada e que os contornos da Africa e os da America têm uma configuração symetrica, como si, approximando-os, viessem a encaixar uns nos outros.

H. DE RAUVILLE.



VULTOS E LIVROS — ARTHUR Motta — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Tratando dos livros do prof. Assis Cintra e do romance do sr. Canto e Mello, dissemos que a literatura em São Paulo baixara muito a craveira do seu valor. E de facto. De Monteiro Lobato, Léo Vaz, Hilario Paiva e Godofredo Rangel, estreitas que foram estupendas revelações, para os ultimos nomes que vêm firmando o brinhas mofinas de vario genero, vas uma distancia, que só não percebe quem não enxerga.

Assim, eis aqui um livro novo: «Vultos e livros», do sr. dr. Arthur Motta. É um livro de critica? De estudo? De ensaios? Não é. Nem critica, nem estudo, nem ensaio. Tomando cada um dos quarenta immortaes, seus patronos e predecessores nas respectivas cadeiras, o autor emprehendeu fazer-lhes a bio-biographia. E fez. Dá-nos a biographia de cada um e a lista das suas obras. Um excellente catalogo, revelador de um magnifico temperamento de antiquario. Esse valor uinguem lhe pode negar é um perfeito repositório de informações. O proprio auctor, certo, não pretende mais.

O que não se pode é confundir tal trabalho com literatura. Não é sequer historia da literatura. São elementos para essa historia.

Todo o livro não tom uma ideia, não apresenta a menor marca de espirito e intellectualidade.

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO — SIMÃO DE MANUA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Está nesses moldes o volume «Figurões vistos por dentro». Tambem nem sombra de ideia, nem vestigio de espirito, nem simulacro de arte. Como si nos fosse revelar inauditas coisas, segredos insuspeitados, altos escandalos, o auctor se fecha hermeticamente dentro de um pseudonymo para nos contar anedotas semsaboras de Pinheiro Machado, Bias Fortes, Costa Senna e outros.

Escreve mal. Desconhece a syntaxe. Estylo noticioso e ás vezes vascoso. Acompanha a mania chamada «nacionalista», de fazer «gracos», reproduzindo o falar caipira, simplesmente...

PIRAQUARAS — OLIVEIRA e SOUSA — Ed. Casa Editora «O Livro» — São Paulo — 1921.

O sr. Oliveira e Sousa apresenta-se com um livro de contos. É uma cretia auspiciosa. O auctor não é ainda o perfeito senhor de si mesmo. Tem o estylo anguloso, irregular, extranho dos que começam. Esses defeitos, porém, perfazem a massa de que sahem os escriptores. De resto, Oliveira e Sousa tem qualidades que o farão excellentista, quando se desvençillar de influencias e se assenhorear do seu mister.

E' o que esperamos para breve.

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.^o milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber
(10.^o milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.^o milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Aparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prêlo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

40

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).